

## CAPÍTULO UM

— Vê-se que tem qualquer coisa de invulgar, que não é uma mulher como as outras. Parece muito nova, uns vinte e cinco anos, quando muito, uma carinha de gata, o nariz pequeno, arrebicado, o rosto é... mais redondo que ovalado, uma testa larga, as maçãs do rosto pronunciadas, mas a descair em ponta, como as dos gatos.

— E os olhos?

— Claros, verdes, quase de certeza, semicerra-os para desenhá-los melhor. Observa o seu modelo, a pantera negra do jardim zoológico, que ao princípio estava ali quieta e deitada na jaula. Mas quando a rapariga faz barulho com a prancheta e a cadeira, a pantera dá por ela e começa a rugir-lhe e a passear-se pela jaula. A rapariga não tinha encontrado ainda o sombreado adequado ao desenho.

— E a pantera não a tinha cheirado?

— Não, na jaula há um pedaço enorme de carne, é o único cheiro que lhe chega. O guarda põe-lhe a carne ao pé das grades e de fora não entra mais cheiro nenhum, de propósito para não excitar a pantera. E quando percebe a raiva do animal, a rapariga põe-se a fazer traços cada vez mais rápidos, e desenha uma cara meio de animal meio de diabo. A pantera põe-se a olhar para ela, é uma pantera macho, e não se percebe se a

quer atacar e devorar, ou se a olha levada por outro instinto ainda pior.

— E nesse dia não há mais ninguém no jardim zoológico?

— Não, quase ninguém. Faz frio, é Inverno. As árvores do parque estão nuas. Corre um vento frio. A rapariga está praticamente sozinha, ali sentada no banquinho desdobrável que trouxe consigo, com uma prancheta para apoiar a folha do desenho. Um pouco mais adiante, ao pé da jaula das girafas, há um grupo de miúdos com a professora, mas depressa se vão embora, não aguentam o frio.

— E ela não tem frio?

— Não, não dá pelo frio, está noutro mundo, concentrada, a desenhar a pantera.

— Se está concentrada não está noutro mundo, é uma contradição.

— Sim, é verdade, está concentrada, embrenhada no seu mundo, que começa a descobrir. Tem as pernas cruzadas, os sapatos são pretos, de salto alto e grosso, abertos à frente, vêm-se-lhe as unhas pintadas de negro. As meias são brilhantes, desse tipo de malha de vidro, a perna parece que se confunde com a meia.

— Desculpa, já te esqueceste?, nada de descrições eróticas. Já sabes que não convém.

— Como queiras. Bom, continuemos. Está então a desenhar. Tem umas luvas calçadas, mas tira a da mão direita para continuar. As unhas são compridas, o esmalte quase preto, e os dedos brancos, até que o frio começa a fazê-los roxos. Põe o trabalho de lado por um momento e enfia a mão debaixo do casaco para se aquecer. É um casaco grosso, felpudo e negro, de ombreiras largas, mas de uma felpa espessa como o pêlo de um gato persa, não, muito mais espesso. E quem é que está por trás dela?, alguém a tentar acender um cigarro, mas o vento apaga-lhe o fósforo.

— Quem é?

— Espera. Ela assusta-se com o ruído do fósforo e vira-se para trás. É um homem, bem-parecido, mas nada do outro mundo, um tipo de aspecto simpático, com um chapéu de abas baixas, um sobretudo folgado, e umas calças bem largas. Cumprimenta-a tocando na aba do chapéu e desculpa-se, diz-lhe que o desenho é magnífico. Ela vê que é bom tipo, nota-se-lhe na cara, é do tipo tranquilo, compreensivo. Ela ajeita o penteado com a mão, meio desfeito pelo vento. Tem uma madeixa encaracolada, e o cabelo até aos ombros, como se usava, com caracóis pequenos nas pontas, como se fosse uma permanente.

— Imagino-a morena, não muito alta, bem feita, com um andar de gata. Uma brasa.

— Afinal, quem é que não se queria excitar?

— Continua.

— Ela responde que não se assustou. Só que, ao ajeitar o cabelo, larga a folha e o vento leva-a. Ele vai a correr atrás dela e apanha-a, dá a folha à rapariga e pede-lhe desculpas. Ela diz-lhe que não faz mal e ele percebe que é estrangeira pelo sotaque. Conta que é refugiada, que estudou belas-artes em Budapeste, e que foi para Nova Iorque quando rebentou a guerra. Ele pergunta-lhe se tem saudades da sua cidade, e então parece que uma nuvem lhe passa pelos olhos, a expressão do rosto torna-se sombria e ela diz-lhe que não vem de uma cidade, que vem das montanhas, lá para os lados da Transilvânia.

— A terra do Drácula.

— Sim, nessas montanhas de florestas negras, onde há feras que no Inverno ficam enraivecidas de fome e vão às aldeias para matar. As pessoas têm pavor delas e deixam ovelhas e outros animais mortos à porta de casa e fazem promessas, na esperança de escaparem. Depois, ele pergunta-lhe se a pode voltar a ver e ela diz-lhe que na tarde seguinte vai para ali desenhar outra vez, como tem acontecido ultimamente

quando há dias de sol. Então, no dia seguinte, ele está no seu *atelier* de arquitectura com os outros arquitectos e uma colega, também arquitecta, e quando se ouvem as três e já não resta muito tempo de luz, pousa as réguas e compassos para ir ao jardim zoológico que fica quase em frente, no Central Park. A colega pergunta-lhe aonde vai e por que é que está tão contente. Vê-se que, no fundo, está apaixonada por ele, embora disfarce, mas ele trata-a como amiga.

— É feiosa?

— Não, tem cabelo castanho, uma cara simpática, nada de especial, mas agradável. Ele sai sem lhe dar o gosto de dizer aonde vai. Ela fica triste mas não deixa que ninguém perceba e concentra-se no trabalho para não se deprimir mais. No jardim zoológico ainda não é de noite, esteve um dia com uma luz de Inverno muito estranha, parece que as coisas se destacam com mais nitidez do que nunca, as grades são pretas, as paredes das jaulas de azulejo muito brancas, o cascalho também, e as árvores nuas e cinzentas. Os olhos das feras vermelho-sangue. Mas a rapariga, que se chama Irena, não veio. Passam-se os dias e ele não a consegue esquecer, até que um dia, caminhando por uma avenida magnífica, há qualquer coisa que lhe chama a atenção na montra de uma galeria de arte. Uma série de obras expostas só de panteras. O rapaz entra e lá está ela, toda a gente a felicita. E depois já não sei bem o que acontece a seguir.

— Tenta lembrar-te.

— Espera... Não sei se é aí que ela se assusta com uma mulher que a cumprimenta... Bom, então ele também a felicita e nota que ela está diferente, parece feliz, não tem aquele olhar sombrio, como da primeira vez. E convida-a para ir almoçar, a um restaurante. Ela deixa os críticos todos ali espicados e saem os dois. Parece que é primeira vez que sai à rua, como se tivesse estado presa e agora, livre, pudesse ir aonde quisesse.

— Mas ele quer levá-la a um restaurante, foi o que tu disseste, não a outro lugar qualquer.

— Ai, não me exijas tanto rigor! Bom, quando chegam ao restaurante, húngaro ou romeno, ou qualquer coisa assim, ela volta a ficar estranha. Ele queria agradar-lhe levando-a a um sítio de compatriotas seus, mas saiu-lhe o tiro pela culatra. Percebe que se passa alguma coisa e pergunta-lhe o que é. Ela mente dizendo que aquele lugar lhe traz recordações da guerra, que ainda durava. Então ele diz-lhe que podem ir almoçar a outro lugar. Mas ela percebe que ele, coitado, não tem muito tempo, está na hora de almoço e depois tem de voltar para o *atelier*. Faz um esforço e entra no restaurante, e corre tudo bem, o ambiente é calmo, a comida é boa, e ela está outra vez encantada da vida.

— E ele?

— Ele está contente, porque vê que ela quis fazer-lhe a vontade, tinha planeado ir ali desde o princípio, só para lhe agradar. Esses momentos tão particulares de quando duas pessoas se conhecem e as coisas começam a funcionar. E ele está tão embalado que decide não voltar ao trabalho nessa tarde. Conta-lhe que passou por acaso pela galeria, porque, na verdade, andava à procura de uma loja para comprar um presente.

— Para a colega arquitecta.

— Como é que sabes?

— Por nada, adivinhei, só isso.

— Tu viste o filme.

— Não, juro que não. Continua.

— E então ela, Irena, diz-lhe que se quiser podem ir à tal loja. Ele põe-se a pensar se o dinheiro chegará para duas prendas iguais, uma para a colega que faz anos e outra para Irena, assim conquista-a de vez. Quando vão pela rua, Irena diz-lhe que nesse dia, coisa estranha, não tem pena que anoiteça às três da tarde. Ele pergunta-lhe por que é que a entristece que anoiteça, se é porque tem medo do escuro. Ela pensa e res-